

Fotos: Hugo Magalhães/CB/D.A.Press



Segundo Rodrigo Paulino, a terapia é fundamental no tratamento de algumas crianças



Ana Patrícia Cavalcante destaca a paixão de trabalhar com a equoterapia

TRATAMENTO SOBRE QUATRO PATAS



A equoterapia ajuda fisicamente crianças com Síndrome de Down

» LUIS FELLYPE RODRIGUES

Postura, equilíbrio, movimentação, amor pelos animais e socialização são as principais melhorias que a equoterapia — método de tratamento com o auxílio de cavalos — desenvolve nos praticantes, pessoas com algum tipo de deficiência. O **Correio** foi ao Campus Planaltina do Instituto Federal de Brasília (IFB), que tem uma unidade de tratamento especializado, para conversar com professores, saber quando essa atividade é necessária e falar com pais, que destacaram a evolução dos filhos a cada sessão realizada.

Atualmente, o campus conta com mais de 100 alunos na equoterapia, que é oferecida de forma gratuita, a partir do encaminhamento da escola pública, no qual é informada a necessidade do aluno de realizar a atividade, junto com uma avaliação médica. Após essas etapas, a criança vai para a fila de espera e é chamada assim que surgir uma vaga.

O movimento tridimensional do cavalo — de cima e para baixo, da direita e para a esquerda, e para frente e para trás — causa os mesmos estímulos no corpo do praticante que uma caminhada, além de desenvolver o

Indicada para pessoas com alguns tipos de deficiências, a equoterapia tem se mostrado eficaz para o desenvolvimento motor, o equilíbrio e a socialização dos praticantes

equilíbrio na sela. “Cada animal tem uma forma de caminhar diferente, aqui temos os de trote, que têm uma batida no chão mais dura, e temos marchadores, com uma pisada mais macia. A escolha do bicho vai variar de acordo com a necessidade do praticante”, explicou Rodrigo Paulino, um dos nove professores que dão aula no campus.

Os benefícios da terapia para o aluno variam de acordo com a pessoa e a condição física dele, comenta Paulino. “Por exemplo, quem tem Síndrome de Down vai se beneficiar muito na parte motora e física, assim como no caso da hipotonia, um problema que deixa a musculatura mais flácida. As aulas auxiliam nisso”, pontua. Para quem tem transtornos do espectro autista (TEA), as melhorias são sociais. “Dependendo, a criança tem um atraso social muito grande. Vamos tentando ao longo das sessões reverter esse quadro”, reforça o professor, dizendo que cada praticante fica em

média dois anos na equoterapia, mas o prazo pode ser postergado de acordo com as melhoras.

Benefícios

Esses avanços têm ajudado bastante a pequena Luara Martins, de 6 anos, com Síndrome de Rett — mutação genética que afeta o desenvolvimento do cérebro de meninas —, que todas as quintas-feiras vai ao campus realizar uma sessão de equoterapia. A mãe, Zulene Martins, 42, conta que a filha está fazendo terapia há um ano e não parece a mesma criança de antes.

“Quando estamos vindo para a aula, ela não para de sorrir, porque sabe que vai andar a cavalo. A Laurinha ainda não fala, mas percebemos pelo rosto dela o quanto gosta de vir”, observa Zulene, dizendo que, na unidade, a filha também tem muito contato com outras crianças, o que melhora a parte social da pequena.

Prazer da área

“Trabalhar aqui é um sonho. Eu já atuava com crianças especiais e acreditava que chegar aqui era muito difícil. Quando recebi o convite, fiquei sem acreditar”, conta a educadora Ana Patrícia Cavalcante, dizendo que, como profissional, se sente muito realizada ao ver a evolução de cada criança. “Observamos como eles são quando chegam e como saem daqui; parece que são outras pessoas. Também olhamos o lado dos pais, como eles se sentem felizes vendo os filhos bem, e isso não tem preço”, pontua.

Saber que fez parte da vida de muitas pessoas e que tornou muitas famílias felizes é o que mais orgulha Ana Patrícia. “As pessoas colocam muita esperança em nós, e isso é muito gratificante, saber que podemos ajudá-los de diversas maneiras. Vou me aposentar no ano que vem e saio de cabeça erguida sabendo que realizei um bom trabalho e sem arrependimentos. É muito gratificante”, descreve.

Satisfação essa que Sebastião Figueira, 45, pai do Rielson Figueira, 7, não deixa de expressar, pois, segundo ele, o filho teve uma evolução extraordinária. “Ele está há um ano e meio aqui e teve grande melhora na questão de equilíbrio, na independência para as tarefas diárias, como caminhar melhor e ficar mais atencioso. Quando está em contato com os cavalos, ele fica muito calmo, pois aprendeu a amar esses animais. Quando ele vê um cavalo, começa a gritar de alegria”, diz.

“Quando Rielson descobre que é o dia de vir para a aula, ele mesmo pega uma camisa, calça e bota para se arrumar. A felicidade fica estampada no olhar dele”, detalhou Sebastião. “Como pai, isso é algo sem explicação, não há palavras que possam descrever o quanto fico bem em ver meu garoto dessa forma. Sou muito feliz por isso e também adoro vir para o campus”, enfatizou.

*Estagiário sob a supervisão de Márcia Machado

- | | | |
|-----------|---|------------------------------------|
| Indicação | » Síndrome de Down | » Paralisia cerebral |
| | » Síndrome de Rett | » Acidente vascular cerebral (AVC) |
| | » Transtornos do espectro autista (TEA) | » Distrofia muscular |
| | » Depressão | |



Nove professores são responsáveis pelas aulas de Equoterapia no Campus do IFB em Planaltina

Superlua azul

Ontem, a Lua surgiu assim, mais cheia, mais brilhante, alaranjada, chamando a atenção dos apreciadores do corpo celeste que orbita a Terra. Para os brasileiros, a bela imagem pode ser vista em diversas partes da cidade, sem a interferência das nuvens, muito raras nesse período de seca, como na Esplanada dos Ministérios.

O fenômeno ocorre a cada dois anos, quando duas Luas cheias aparecem em um mesmo mês. Os astrônomos a chamam de Lua cheia de perigeu, ponto mais próximo que ela pode chegar do nosso planeta. Alguns a denominam Superlua azul, mas, registros mostram que só foi possível ver essa coloração duas vezes: em 1883 e em 1951.

A Lua cheia dura até a manhã de quarta-feira. Então, dá tempo de escolher um bom lugar para presenciar esse espetáculo.

Fotos: Minervino Júnior/CB/D.A.Press

